

THEISSEN, Gerd. ***A religião dos primeiros cristãos***: uma teoria do cristianismo primitivo. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009. 450 pp.

Resenhado por Alessandro Arzani

<http://lattes.cnpq.br/8187479779224919>

Gerd Theissen é professor de Teologia do Novo Testamento na Universidade de Heidelberg. É um dos pioneiros da aplicação dos princípios e métodos da sociologia para o estudo do Novo Testamento. Seu livro empreende uma “tentativa de uma descrição e análise da religião cristã primitiva sob a ótica das ciências da religião” (p. 7). O conteúdo do livro remonta às Speaker’s Lectures, em Oxford, em 1998 e 1999. O autor reconhece que esse é um plano teórico que ainda precisa ser completado. As Conferências de Oxford aparecem inicialmente em inglês como “A Theory of primitive Christian Religion, pela editora SCM de Londres, 1999. Ainda em 1999 é publicado “Theorie der urchristlichen religion”, pela Gütersloher Verlagshaus. A edição alemã foi revista e provida de notas e complementos. Agora a obra alemã que adquiriu um volume considerável é apresentada em português.

O livro é dividido em seis partes, sendo a primeira seção um capítulo sobre o programa de uma teoria da religião cristã primitiva, seguido das partes maiores que são desenvolvidas sob essa teoria nas próximas cinco partes.

No primeiro capítulo, o autor apresenta seu programa para uma teoria da religião cristã primitiva definindo a religião como sistema cultural de sinais. Sua definição de religião é influenciada pelo pensamento de Clifford Geertz. A religião analisada como possuidora de um caráter semiótico, sistêmico, e cultural. Discorda-se de uma redução da religião à experiência do sagrado ou projeção humana. Entende-se a religião dentro da capacidade humana de construir sistemas de interpretação do mundo. Gerd é teólogo e admite seu posicionamento sem rodeios. Ele procura “perscrutar por inteiro a vida deles e inserir suas afirmações teológicas em contextos semióticos, social, psíquico e histórico que são imediatamente teológicos” (p. 11). Theissen considera que uma teoria da religião cristã primitiva pretende descrever e analisar a fé cristã primitiva em seu dinamismo que pervaga toda a existência mediante categorias gerais das ciências da religião. O sistema religioso de sinais é caracterizado por mito, rito e etos. Na sua teoria da religião, considera-se fundamentalmente a religião um fenômeno cultural e não um fenômeno natural ou sobrenatural. A história do cristianismo primitivo nesse sentido é definida como a história do surgimento de uma nova religião que se desvinculou de sua religião materna e tornou-se independente. A função da religião

é analisada quanto a sua perspectiva psíquica, pragmática e social, mas principalmente considerando a produção da expectativa produzida com a promessa do proveito da vida.

Na segunda parte do livro, o autor analisa a relação entre mito e história no cristianismo primitivo. No segundo capítulo, que é contido nessa parte, o autor evidencia a importância do Jesus histórico para o surgimento da religião cristã primitiva. O Cristo querigmático não é considerado apenas um ser mítico. Theissen defende a ideia de que houve uma fusão entre elementos do Jesus propriamente histórico e o discurso mitológico produzido. Esse processo é caracterizador do cristianismo. O autor identifica três particularidades do mito do senhorio vindouro do Pai, que foi aplicado a Jesus: a historicização, a poetização e uma desmitalização. O mito é introduzido na história e historicamente transformado através do que se diz a respeito de Jesus. Embora o cristianismo tenha suas raízes no judaísmo, algumas alterações fundamentais acontecem: O monoteísmo permanece, mas o nomismo cede lugar à aliança feita com o Salvador. Jesus representou um movimento de renovação no judaísmo. O cristianismo é mais um dos movimentos como aqueles que surgiram a partir do século II a. C. como os essênios, os fariseus, os saduceus. O próprio Jesus é condenado como agitador político, como rei dos Judeus. Theissen considera que o que é decisivo para a autocompreensão de Jesus não é esse ou aquele título que possa aparecer vinculado a Ele, mas a "historicização" do mito escatológico em toda a sua atividade.

No terceiro capítulo é discutido o processo pelo qual se chegou à divinização de Jesus. O processo de transformação do sistema religioso contempla experiências novas e as experiências vigentes que elaboram o sistema. A crucificação foi o malogro das expectativas que surgiram em torno de Jesus. Theissen recorre a teoria da dissonância de Leon Festinger para explicar que a exaltação de Jesus ao status divino só podia, portanto, provocar uma redução cognitiva da dissonância porque ela correspondia a uma dinâmica contida no monoteísmo judaico. Essa exaltação coloca Jesus acima de qualquer outro Deus.

O Etos do cristianismo primitivo é o assunto da segunda parte. No capítulo quarto, são analisados dois valores fundamentais do etos cristão primitivo: o amor ao próximo e a renúncia do status. O autor procura analisar o conjunto de comportamentos vigentes, factual e exigido em um grupo. O etos cristão provém do judaísmo, mas procura superá-lo. São novos o amor ao próximo e a humildade. A humildade é apresentada por Gerd como renúncia do status, da condição

superior. O diferencial no cristianismo é o amor aos inimigos. Esse é um amor aos pecadores. O mito da humilhação do Deus encarnado revela a humildade e o amor.

Em seguida, o autor faz uma análise da relação do Cristianismo primitivo com o poder e os bens. A renúncia ao status é vista como elemento estruturados da cristologia, pois a humilhação e a elevação servem como molduras. Enquanto o etos judaico é restrito o etos cristão é abrangente e transcente fronteiras. O cristianismo apresenta uma nova relação com os bens e o poder, bem como uma nova relação entre sabedoria e santidade. Os pobres são alvo da complacência divina e o desapego material é incentivado. O cristianismo apresenta uma crítica ao poderosos. A relação entre mito e etos identificada por Theissen se dá principalmente em torno do exemplo da humildade de Cristo.

No sexto capítulo, a discussão se desenvolve em torno da relação do cristianismo como a sabedoria e a santidade. Theissen afirma: "De fato, o saber confere poder, e santidade proporciona influência" (p. 145). Com essa consideração, a análise de Theissen nota alguns aspectos distintos do cristianismo. A sabedoria passa a ser considerada como algo pertinente às pessoas simples. Sabedoria não no sentido de uma grande formação intelectual, mas antes, no sentido de uma completa organização coerente da vida segundo uns poucos princípios. Há uma crítica aos escribas e doutores da lei. A sabedoria dos ensinamentos cristãos é apresentada como um ensinamentos acessível a todos. No cristianismo o Espírito Santo torna-se o poder que confere status e substitui o status atribuído à descendência judaica.

Na terceira parte do texto, Gerd Theissen analisa a linguagem simbólica ritual do cristianismo primitivo. O surgimento dos sacramentos cristãos primitivos a partir de ações simbólicas é o assunto do sétimo capítulo. Em nota o autor considera que "Ritos" é a noção mais ampla, "sacramento", a mais restrita que enfatiza apenas dois ritos: Batismo e Eucaristia. Embora Theissen afirme que não se trata de uma abordagem confessional sua análise no que se refere a esse aspecto deixou a desejar. Faltou uma explicação sobre como se define historicamente sacramento, já que esse não era um termo exclusivo do cristianismo. A seia considerado um rito de integração. O Batismo e a Eucaristia tornam-se sinais peculiares do cristianismo por estarem relacionados à morte de Cristo. A nova linguagem simbólica ritual do cristianismo primitivo surgiu a partir de ações proféticas simbólicas com as quais João Batista e Jesus transmitiram sua mensagem escatológica. A superação dos etos simbólicos anteriores se dá com a vinculação sacramental da morte de Cristo.

No oitavo capítulo, é analisada a interpretação sacrificial da morte de Jesus e o fim dos sacrifícios. O autor considera que já era corrente as críticas ao culto sacrificial, principalmente por causa da evidente disparidade entre sacrifícios vazios e injustiças sociais permanentes. Os essênios e os samaritanos já haviam se afastado da prática de sacrifícios. O movimento do Batista empreendeu uma significativa crítica ao templo e a política romana. Um passo adiante rumo ao fim do culto com sacrifícios foi dado pelos gentios cristãos. Mas foi a destruição do templo que contribuiu determinantemente para que cessassem os sacrifícios. Jesus defendeu a autoestigmatização como conduta. A ideia de expiação pelo sacrifício de Cristo é uma criação que mescla mito e história. Mito e história aparecem em tensão mútua, mas alcançam uma unidade na mito-história narrativa base da religião cristã primitiva.

Na quarta parte, é momento de analisar a ascensão do cristianismo ao universo simbólico autônomo. O nono capítulo analisa esse processo nos textos paulinos e nos evangelhos sinóticos. O autor considera pouco significativo para a emancipação do cristianismo responsabilizar influências não-judaicas, como se convições de fé pagãs, introduzidas secretamente, tivessem afastado os primeiros cristãos de sua religião judaica materna. No judaísmo, tenta-se construir uma sociedade e toda uma cultura a partir de uma crença religiosa. No cristianismo as regras alimentares são superadas, as barreiras étnicas são transpostas, o lugar de culto é ressignificado. Com o Evangelho de João a comunidade cristã demonstra que toma consciência de sua autonomia. De uma forma geral, com os evangelhos o cristianismo passa a ter uma narrativa própria, no entanto, dão continuidade às narrativas veterotestamentárias. Cada evangelho carrega uma traço particular. O evangelho de Mateus é a delimitação ética em relação ao judaísmo e de certa forma ao paganismo. Marcos apresenta uma delimitação ritual do judaísmo, em Mateus uma demarcação ética. Em Lucas, essa estipulação comportamental se dá em meio à narrativa histórico-salvífica; através da formulação da narração histórico-mítica de base do cristianismo primitivo de modo que ela torna compreensível a separação entre judeus e cristãos.

No décimo capítulo, o evangelho de João é analisado como documento que testemunha a tomada de consciência do cristianismo primitivo de sua autonomia interna. No evangelho de João a divinização de Jesus terreno atinge seu ponto culminante. Jesus é associado continuamente com expectativas da salvação humana, às quais ele atende, ao mesmo tempo transcende. No evangelho de João o Revelador revela que é revelar

As crises são importantes fatores no processo de transformação cultural e Gerd Theissen destina essa quinta parte para analisá-las. No capítulo onze, o autor

dedica-se a discutir as crises que foram fundamentais para a construção de um sistema simbólico autônomo no cristianismo primitivo. Tão logo, a primeira crise ocorreu ainda no século I e foi a crise judaística. No século II ocorreu a crise gnóstica. O autor considera que o cristianismo não soluciona definitivamente a aporia do judaísmo que resulta da tensão fundamental entre teocentrismo e antropocentrismo. A doutrina da justificação formulada por Paulo é uma resposta às aporias do judaísmo.

No capítulo doze, a relação entre pluralidade e unidade no seio do cristianismo primitivo é analisada. O autor apresenta uma interpretação distinta do quadro histórico de Tubinga para interpretar a pluralidade cristã. Segundo o modelo desenvolvido por Ferdinand Christian Baur, os partidos religiosos se inflamaram perante a questão sobre até que ponto o cristianismo deve e pode distanciar-se do judaísmo, a fim de tornar-se uma religião universal para todas as nações. Em contrapartida, Theissen defende que não haviam apenas dois partidos no cristianismo primitivo, mas uma porção de correntes. Além disso, considera também que não há uma síntese do cristianismo primitivo no Evangelho de João, mas uma síntese a favor da coesão no cristianismo se dará em torno do cânone. Aliás é com a formação do cânone que, segundo o autor, se dá o fim do cristianismo primitivo. O primeiro conflito havia sido entre judeus e helenistas, depois configuraram-se correntes como: judeu-cristianismo; o cristianismo sinótico; o cristianismo paulino e o cristianismo joanino.

No capítulo treze, o autor finaliza com uma análise sobre a plausibilidade do universo simbólico cristão primitivo. Sobre o processo de desconstrução do cristianismo primitivo, o autor considera que o material narrativo que serve de fundamento para a narrativa base cristã primitiva de Jesus reformula as esperanças messiânicas do Judaísmo sob a impressão do profeta judeu e carismático Jesus de Nazaré. Mito e história uma unidade. A história de Jesus foi narrada de forma mítica, como um acontecimento primeiro e definitivo e, ao mesmo tempo, como um evento histórico concreto. Essa mitologização da história e historicização do mito começa com o anúncio do Reinado de Deus por Jesus. Daí então, a história de Jesus foi transformada sempre mais em afirmações míticas, enquanto expectativas míticas transformaram-se em sua história. A plausibilidade de axiomas religiosos pode ser confirmada pelo seguinte: Plausíveis são convicções que correspondem à realidade e são confirmadas por experiências que afluem de fora. Plausível, então, é o que está de acordo com as condições fundamentais do pensamento, verdadeiro é o que as pessoas sob condições ideais de comunicação podem aceitar. A axiomática religiosa é resultado da tentativa de erro. Como o autor admitiu que essa teoria

religiosa ainda é parcial, também acrescenta que as teorias apresentadas deveriam ser analisadas mediante: uma psicologia da religião cristã primitiva; uma sociologia da religião cristã primitiva; e por uma filosofia da religião cristã primitiva.